

Introdução

A sociedade da informação presenciou a desmaterialização de muito do que sempre fora visível e palpável. A comunicação instantânea seguiu-se ao rápido transporte de dados e à decodificação automática de informações, e a criação da realidade teve finalmente lugar em ambientes puramente digitais. Uma vez desmaterializada a presença, era natural supor a desmaterialização também da arquitetura, espaço onde as pessoas exercem suas presenças. Mas a desmaterialização da arquitetura pode ocorrer em diversos níveis e sob diferentes manifestações, e é sobre estes níveis e manifestações que se debruça esta pesquisa.

Era da Informação, Era Eletrônica ou Era Digital – estas três denominações especificam três olhares distintos acerca de um fenômeno amplo que não atende ainda por uma designação única. Com ênfase no conteúdo (informação), no meio (eletricidade) ou na tecnologia (digital), estas três eras convergem em uma realidade que domina a vida urbana em todo o mundo hoje. Esta pesquisa é sobre a arquitetura que é criada com base na revolução midiática, fenômeno de comunicação iniciado nos anos 1950 que se estende até os dias de hoje sob a forma digital.

Na era eletrônica a projeção da arquitetura requer parâmetros muito diferentes daqueles que a orientaram até agora. Formas diferenciadas de se pensar espaço e imagem surgem de novas percepções visuais e acarretam variadas manifestações no ambiente construído. As tendências examinadas por esta pesquisa têm em comum a interferência do digital e/ou do virtual em sua essência.

Esta é uma arquitetura em desenvolvimento cuja compreensão ainda necessita maiores investigações e pesquisas mais aprofundadas que superem preconceitos vigentes na aceitação de sua presença. Nossa pesquisa lança um

olhar sobre este campo ainda pouco explorado, particularmente no Brasil, onde grande parte da produção arquitetônica mais recente ainda é conhecida de forma superficial, desacompanhada de embasamento teórico consistente.

A arquitetura que aparece na década de 1990 e perdura a estes princípios do século 21 ainda não pôde ser profundamente analisada e nem ter uma classificação globalmente estabelecida, certamente devido à impossibilidade de uma visão distanciada, e também por causa da grande variedade de posturas que se apresentam com significativas divergências de acordo com diferentes arquitetos e teóricos de arquitetura. Existem tendências que se organizam com base em classificações mais antigas, já amplamente aceitas, como *hi-tech* ou desconstrutivismo, mas as posturas que remetem diretamente às mídias e ao digital permanecem dispersas e carentes de estudos conceituais que as reúnam.

É esta produção mais recente que servirá de objeto ao presente estudo. Pretendemos aqui relacionar algumas tendências arquitetônicas contemporâneas que dialogam entre si e claramente remetem aos mesmos fenômenos atuais sem, entretanto, produzir projetos e obras de teor semelhante. Percebemos que existem diversas formas de assimilar a revolução midiática e nosso intuito é justamente definir algumas posturas específicas que realizam, cada uma a seu modo, essa assimilação. Nossa intenção é achar os pontos onde os diversos discursos se encontram, destacando tanto suas convergências quanto as particularidades, já que os discursos de vários arquitetos seguem paralelos ao fazer referência às novas tecnologias eletrônicas, ao digital, ao virtual e a toda a carga de transformações impostas ou possibilitadas por eles. Temos por objetivo compreender o impacto das novas formas de comunicação sobre o ambiente construído e classificar algumas reações da arquitetura que as toma como princípio projetual.

Informações e referências tanto arquitetônicas quanto teóricas deste assunto se encontram dispersas e fragmentárias, muitas vezes restritas a descrições pertinentes apenas às obras ou a preocupações específicas de seus autores, o que nos levou a buscar conhecimento mais amplo e aprofundado sobre os fenômenos decorrentes da era da informação, encontrando assim explicações de conseqüências arquitetônicas em teorias externas à própria arquitetura. Teorias da

informação e do digital, da cultura pós-moderna e da sociedade midiática serviram de fundamentação para que o pensamento arquitetônico que estivesse incompleto ou superficial pudesse ter maior esclarecimento e compreensão. Pretendemos assim unificar os conceitos dando corpo a uma visão melhor embasada para toda a pesquisa.

O ponto de partida desta investigação, e que ficou patente à medida que a pesquisa avançava, foi a crise dos conceitos que a arquitetura detinha desde suas primeiras definições. As tendências que tomamos por objeto e que surgem a partir da década de 1990 sofrem transformações cruciais em sua materialidade e aparência. Para que essa nova arquitetura pudesse ser aceita como tal, precisava despir-se de alguns preceitos que faziam parte de sua definição, preceitos estes que, ao serem descartados ou ao menos atenuados, costumavam tirar o objeto de estudo de sua categoria de arquitetura, transportando-o à esfera do *design* industrial, da arte, da arte eletrônica, da publicidade e da cenografia. A partir do momento em que a construção aceita características que distorcem suas noções de escala, mobilidade, permanência e imagem, ela precisa voltar-se com muito mais ênfase a outras disciplinas que a ajudem a compreender e explorar esta nova condição. A principal hipótese desta pesquisa é a de que as fronteiras entre arquitetura, *design* e publicidade estão tornando-se difusas.

A preocupação primordial deste trabalho é com a imagem da edificação, sendo desconsideradas questões relativas a programas arquitetônicos, técnicas e várias outras que são de suma importância para a arquitetura mas que se tornam pouco significativas para a presente investigação. E, propondo uma discussão dentro deste escopo imagético, defendemos que projetar arquitetura, dentro das posturas que definimos, não mais se restringe a moldar volumes, configurar espaços e determinar funções específicas. A criação da imagem da arquitetura pode ter origem em parâmetros que negam a forma, desconhecem limites espaciais e absorvem acontecimentos efêmeros e inesperados. Assim procedendo, projetistas precisam incorporar novos conhecimentos, novos tipos de formação e de informação que até então sempre foram considerados alheios à função do arquiteto.

Existem atualmente tendências arquitetônicas que se situam na esfera de novos paradigmas e estes não são mais estritamente arquitetônicos. A construção de imagens virtuais, de objetos móveis, de formas ambíguas, de máquinas robotizadas, de monumentos interativos e de galpões de aparência efêmera podiam ser projetados por arquitetos mas sem fazer parte da categoria de arquitetura. Hoje, entretanto, muitos arquitetos começam a integrar tais estruturas a seu repertório, quando não transformam completamente seus projetos em objetos e instalações.

Esta pesquisa discute novas formas de percepção visual, diferentes maneiras de se gerar imagens arquitetônicas e objetos de grande escala que divergem das concepções tradicionais e que exigem novas ferramentas e novas abordagens que até então pertenceram principalmente às disciplinas de *design*, publicidade e arte eletrônica. Nosso objeto de estudo foi restrito às obras arquitetônicas da última década do século 20 e da primeira do século 21, e grande parte das teorias arquitetônicas estudadas também pertencem a este intervalo, de forma que enfatizamos principalmente a ruptura com momentos passados, particularmente no que diz respeito aos conceitos mais gerais de cultura e comunicação, ainda que existam também linhas de continuidade que serão consideradas.

Não nos debruçamos sobre transformações na prática de projeto ou sobre habilidades técnicas exigidas dos profissionais que trabalham dentro destas novas tendências, mas na mudança de parâmetros conceituais que levam a um novo modo de se fazer arquitetura. Consideramos que as posturas teóricas precisam ser revistas e entendidas para que exista uma aceitação destas atribuições recentemente incorporadas pela arquitetura. Esta é uma arquitetura que se funde com o *design* industrial para melhor adaptar-se a condições urbanas e culturais que pedem a evolução dos conceitos tradicionais.

Estudamos a arquitetura atual para mostrar o quanto esta incorpora características de outras áreas, em particular do *design*. Mas também é possível a leitura do processo inverso, com a percepção, através da análise dos exemplos dados, do quanto o *design* está presente nesta nova forma de entender a arquitetura e como ele pode oferecer pontos de vista e conhecimentos (de

comunicação, de cultura e de sociologia, dentre outros) para o desenvolvimento das novas tendências arquitetônicas.

Aspectos metodológicos

Esta pesquisa, por tentar lançar luzes a uma produção arquitetônica nova, apóia-se em investigações recentes de teóricos que se ocupam das manifestações mais características da arquitetura em todo o mundo. Rafael Moneo e Ignasi de Sola-Morales, os autores que estabelecem os paradigmas que embasam esta pesquisa, definem as tendências gerais que caracterizam a arquitetura recente – por eles definida entre os anos 1990 e o momento atual. A princípio foi realizado um levantamento geral de arquitetos e suas obras que tinham por foco a compreensão e a exploração da era eletrônica. Este levantamento serviu-se de material bibliográfico – ainda sem critério de seleção – constando de periódicos nacionais específicos de arquitetura, como as revistas “Projeto Design” e “AU”, além de publicações nacionais e internacionais, principalmente compêndios de arquitetura atual escritos por autores consagrados como Josep Maria Montaner, do qual destacamos os livros “A modernidade superada”, “Depois do movimento moderno” e “As formas do século XX”. Tais compêndios nos levaram a outras fontes importantes, dentre as quais foram escolhidas as obras de Moneo e Sola-Morales pela abrangência do tema e pela argumentação voltada aos conceitos eletrônicos e midiáticos.

Para as obras analisadas foram escolhidos primordialmente arquitetos que se dedicam tanto a projetos e obras construídas quanto a estudos conceituais, cuja produção pôde ser comparada em ambos os meios – edificações e escritos – uma vez que o embasamento conceitual é crucial na análise que fizemos das obras e o ponto de partida para a definição das categorias. Sendo objeto de nosso estudo as principais tendências da arquitetura recente, os arquitetos escolhidos são todos de reconhecimento internacional nos âmbitos profissional e acadêmico e portadores de notoriedade que lhes dá posição de vanguarda e de geradores de tendências. Não sendo relevante, portanto, idade ou nacionalidade dos autores, as obras que aparecem nas posturas de cada capítulo são as que, a nosso ver, melhor ilustram as características que quisemos demonstrar, obedecendo sempre aos critérios citados

acima – de produção ambivalente entre edificações e escritos, renome internacional, atualidade de propostas e de realização de suas obras.

A bibliografia inclui sempre textos e escritos dos arquitetos, de onde foram extraídas informações acerca das intenções dos autores, além de dados indispensáveis para descrição e análise das obras, já que não foi possível a visita a nenhuma delas. Não só dados de seus autores, mas também de outros críticos foram levados em conta nas discussões sobre os projetos e as edificações, como destacado nas notas bibliográficas.

Uma pesquisa posterior poderia abarcar arquitetos e obras nacionais, cuja produção merece estudo e argumentação, mas que ainda não conta com nomes de grande referência internacional, como os presentes em nossa investigação.

A discussão acerca do digital, sua exploração, utilização e sua crítica foram, naturalmente, temas essenciais buscados no corpo teórico e nas obras destes arquitetos ou escritórios, e um dos principais critérios de seleção. Assim como os paradigmas de que tratamos referem-se basicamente às duas últimas décadas, também as obras discutidas pertencem a este intervalo, de modo a deixar clara a atualidade das propostas defendidas. No caso das obras levadas a cabo, todas tiveram sua construção terminada neste período, ao passo que os projetos foram iniciados ou concluídos dentro das duas últimas décadas. A única exceção é o monumento da Torre dos Ventos de Yokohama¹, que data de 1986, mas cuja proposta inovadora mereceu menção.

Os teóricos externos à arquitetura foram cruciais para a discussão aprofundada dos conceitos que estavam presentes na arquitetura mas definidos com superficialidade pelos arquitetos. Considerando-se que muitos fenômenos decorrentes da era eletrônica incidem sobre outras esferas culturais e mesmo psicológicas antes de manifestarem-se em construção, estudiosos de outras áreas foram inseridos na pesquisa e suas contribuições direcionadas à compreensão da

¹ Ver sub-capítulo 4.1

arquitetura. Muitos destes teóricos foram encontrados por meio de citações dos próprios arquitetos estudados.

Teorias convergentes sobre os efeitos das mídias, a alteração de percepção causada pelo digital e pelas imagens eletrônicas, a desmaterialização da presença, a ilusão da visibilidade ambígua, as simulações decorrentes dos significados flutuantes do consumismo, a crise da narrativa na pós-modernidade e as alterações físicas provocadas na configuração urbana devido à inserção das diversas formas de comunicação eletrônica, entre outros fenômenos, foram argumentadas a partir de seus pensadores originais, como Virilio, Baudrillard e Jameson, além daqueles que explicam tais teorias com ênfase maior em nossos objetos de estudo, que são a estética, a imagem e o espaço.

A maioria das obras foi escolhida nos próprios livros publicados pelos arquitetos, algumas vezes em livros de compilações de obras contemporâneas (como a série “*Architecture Now!*”, “*Contemporary European Architects*” e “*Contemporary American Architects*” da editora Taschen, especializada em arte, *design* e arquitetura), nas quais a reincidência das edificações reiterava sua importância para a comunidade arquitetônica. As revistas mais utilizadas para informações adicionais e críticas foram “*L’Architecture d’Aujourd’hui*”, “*Techniques & Architecture*” e “*Architecture*”, todas compreendendo o intervalo entre os anos 1998 e 2002, periódicos que constam do acervo da biblioteca da PUC-Rio. Apenas no caso de Marcos Novak, seu *website* foi a fonte principal de informações, tanto de textos quanto de obras e instalações.

As imagens utilizadas na pesquisa foram em sua grande maioria obtidas nos livros dos respectivos autores das obras (as de Novak foram retiradas de seu *website*) e dos periódicos acima citados. Apenas algumas imagens da Loja Prada², da MEDIATECA de Sendai³ e do Grand Palais de Lille⁴ foram obtidas em fóruns de discussão sobre arquitetura *online*, todas com permissão de seus autores.

² Ver sub-capítulo 3.1

³ Ver sub-capítulo 4.1

⁴ Ver sub-capítulo 4.2

Estrutura da dissertação

A dissertação é iniciada com as principais teorias norteadoras desta pesquisa, que chamamos de **Novos Paradigmas da Arquitetura**, onde são discutidas de forma geral e abrangente as transformações pelas quais passa a arquitetura contemporânea, que posteriormente serão utilizadas como fio condutor para a análise das edificações propriamente ditas.

Definimos então três grandes posturas teóricas, a guisa de categorias de análise, que abarcam as principais teorias que nos interessava descrever, levando em consideração todas as hipóteses acima descritas, como a influência crucial das tecnologias eletrônicas e digitais e a aproximação essencial com as áreas de *design*, publicidade e arte eletrônica. Cada postura corresponde a um capítulo onde são expostas as teorias gerais que são entrecruzadas com as propostas e discursos dos arquitetos estudados. Para melhor orientação didática, os exemplos estão organizados em sub-capítulos onde fica patente a ligação de cada um com o teor geral do capítulo, mas são evidenciadas suas características particulares.

A primeira postura, analisada no capítulo 2, foi denominada **Fusão Digital** por sua intenção explícita de utilizar o digital – lançando mão, na maioria dos casos, de seu aparato tecnológico – como modelo de projeto para a realidade. A natureza das imagens digitais e as possibilidades oferecidas pela realidade artificial dos computadores são exploradas e transportadas para fora dos equipamentos puramente digitais. A intenção destes arquitetos é trazer ao mundo físico experiências do virtual ao mesmo tempo em que se procura inserir no virtual presenças e vivências reais, na tentativa de fazer desaparecer a percepção dos limites entre um e outro, construindo um mundo híbrido no qual o mundo físico recebe a visualização matematicamente idealizada do mundo digital.

O terceiro capítulo reúne os conceitos e exemplos da postura que denominamos de **Virtual de Baixa Resolução** por sua atitude crítica com relação ao virtual. Partindo dos princípios que regem a vivência e a visualização do digital, os exemplos aqui mostrados redescobrem experiências de espaços e imagens à luz de uma nova percepção que é dada pelo virtual. Sendo um

movimento de reação à artificialização proposta por obras como as da Fusão Digital, os teóricos desta postura retomam experiências fenomenológicas proporcionadas pelos materiais e sua taticidade para fazer referência às imagens e conceitos digitais.

O *Junkspace*, discutido no capítulo 4, é a postura que mais se distancia da completa desmaterialização da arquitetura almejada pelos arquitetos da Fusão Digital. Esta é a postura mais pragmática e aquela cuja proposta mantém-se longe de idealizações. A era eletrônica e o digital participam de sua projeção e são, em realidade, o combustível de suas teorias, mas os arquitetos aqui apresentados pretendem inserir o virtual em suas edificações mantendo sua materialidade permeada pelo caos das transformações urbanas.

Uma vez discutidas tais posturas, no capítulo 5 fazemos um paralelo entre definições clássicas de arquitetura e os novos paradigmas expostos ao longo do trabalho para evidenciar como estas novas tendências arquitetônicas relacionam-se entre si e com a área de *design*.

Por fim, nas **Considerações Finais** realizamos uma avaliação geral dos pontos principais da pesquisa e uma comparação entre as três grandes posturas, suas diferentes atitudes com relação aos mundos digital e físico.